

A terra ensina a esperar pela casa

Em um de seus diários mais famosos, intitulado *Um falcão no punho*, a escritora portuguesa Maria Gabriela Llansol afirma que se sente de passagem em sua própria casa, quando exilada em Jodoigne, na Bélgica. Na leitura dos fragmentos de Llansol, afinal, vemos o quanto empreender um diário é praticar, continuamente, algum tipo de volta para casa.

Mas esse teto que se busca, nos diários da portuguesa, não se trata do que falou Virginia Woolf, em sua obra clássica. É uma casa na qual se pode escrever e criar como também onde se toma, por fim, a consciência do corpo e das possibilidades dele em determinado espaço e nação.

Em *Arquitetura do sim - fragmentos de um diário da Ásia*, de Sarah Valle, os deslocamentos passam por espaços místicos e, ao mesmo tempo, tão cheio de corporalidades. Acompanhada de Joana, a narradora fala sobre um cotidiano de trabalho e construção em cidades e povoados tailandeses.

Muito longe de casa e de sua língua, Julia *performa* a

representação tradicional da estrangeira que procura uma casa por onde passa. Entre os arrozais e os lençóis de camas desconfortáveis, encontra algum tipo de resposta no corpo e em Joana, que configura quase como um espaço outro, onde está o "amar mais puro"; confessa a personagem: "Meu corpo era impossível. Para além de Joana, assumia-se mudo e, querendo explicar-se, adolescente, falhava".

A escrita de Valle é concisa de uma maneira que, ao fim de cada frase, não parece que nada precisa ser dito ou acrescentado; como os últimos versos de algum poema preferido ou frases que parecem perdidas em manuscritos antigos e, após a descoberta e nossa leitura, brilham por muito tempo no presente: "Essa mente inclinada encontra sua inspiração e engrandece seu coração enquanto dorme. Essa mente lamenta-se cada vez menos."

Similar aos diários de Llansol, a presença de elementos do relevo natural também é constante e dialoga com a busca pela compreensão do corpo que perpassa também por algo

que não é inteligível ou que é da ordem do oculto da terra. A montanha existe como aviso de que as personagens precisam tentar alcançá-la, afinal, uma paisagem só se faz a partir do que se pode extrair dela.

Afirma a narradora: "Tenho 20 anos e escrevi o que deveria. Poetas deveriam cansar-se de si. Penso que poderíamos acrescentar maritacas a esta montanha. Respeito tudo o que aniquilo. Há um silêncio crescendo em mim. Não o temo."

O "cansar-se de si", aqui, funciona tal qual questionamento literário. A exaustão do poeta é sinal de que tudo já foi dito? O espaço pode ainda ser narrado mesmo depois do crescimento do silêncio? Calar para que, então, se possa aniquilar – mas o que resta do que foi destruído?

A paisagem como resultado do desaparecimento da palavra e, dessa maneira, o corpo como resto do silêncio. Pensar na arquitetura do sim é também observar que tipo de afirmação a escrita investiga e como ela permanece quando nada

mais será dito. O que se afirma, nos fragmentos de Valle, enfim, é que sentir na pele o espaço não é necessariamente da ordem da solidão, assim como a escrita também pode acontecer em conjunto, em qualquer tipo de comunhão entre os corpos.

Desse modo, o livro de Valle configura um tipo de força que se vale do reverso como gesto que sustenta: "Tudo aqui me fortalece (...). Se me canso por um instante, é para logo em seguida mover-me com mais fome e ação." (Priscilla Campos).



DIÁRIO

Arquitetura do sim
Autora - Sarah Valle
Editora - Cozinha Experimental
Páginas - 95
Preço - R\$ 30

Sobre resgates

Homem solitário tem em sua mania de colecionismo a forma de lidar com o mundo ao redor. Com esse pressuposto, o pequeno romance do norte-americano Michael Zadoorian, *Brechó*, traz relances de *Alta fidelidade*, clássico cult (e datado, convenhamos...) do britânico Nick Hornby. Sim, aquele livro sobre um dono de loja de discos que escondia sua imaturidade emocional entre vinis raros e canções de Stevie Wonder e Bob Dylan. Mas a trama proposta por Zadoorian é mais *lo-fi*, mais silenciosa. Somos apresentados a Richard, proprietário de um negócio de produtos de segunda mão, que trafega cheio de percalços num mundo obcecado por novidades e por tendências de rápido descarte. Possuir algo que foi de outra pessoa, ele acredita, parece trazer junto uma aura que modifica o próprio valor do produto em questão. O que importa não é a coisa em si, mas

sua experiência - "Nós, brechozeiros, sabemos que todos temos essa autoridade de atribuir valor, que não precisamos querer as coisas que os outros dizem que temos que querer, que é bom gostar também daquilo que parece não valer nada", afirma o personagem. *Brechó* é um curioso tratado sobre o que vale a pena resgatar. (Schneider Carpeggiani)



TEORIA

Brecho: Uma História de Amor
Autor - Michael Zadoorian
Editora - Rádio Londres
Páginas - 288
Preço - R\$ 54,50

Feminismo atento

Como uma espécie de cartilha funciona *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, da feminista negra Bell Hooks, figura de extrema importância para pensar a história do feminismo. Pode-se abordar o movimento por meio de algumas partidas, quando na leitura do livro: feminismo e maternidade, feminismo e amor, feminismo e políticas públicas etc. O trabalho de Hooks chama atenção para uma amplitude do feminismo que nem sempre é vista por quem ainda não tem familiaridade com os contextos históricos, sociais, culturais e políticos que o envolvem. Assim, a divisão dos capítulos cumpre também a função de mapeamento da temática. Um dos pontos mais discutidos por Hooks é a reflexão sobre o pensamento e comportamento sexista como as

maiores ameaças para o movimento feminista. A teórica afirma que se deve observar esse "inimigo interno", essa condição das ações sexistas no nosso cotidiano, para que, assim, encontrem-se as direções da conscientização dentro do movimento. Hooks é leitura necessária para quem se interessa por uma história de luta política que não pode, mais do que nunca, cessar. (P. C.)



EDUCAÇÃO

O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras
Autora - Bell Hooks
Editora - Rosa dos Ventos
Páginas - 144
Preço - R\$ 37,90

PRATELEIRA

SE A RUA BEALE FALASSE

O romance, lançado em 1974, conta uma conturbada história de amor entre Tish e Fonny, com recorte espacial no Harlem, bairro de Nova York. Acusado de estupro, o personagem é preso e sua companheira organiza uma força-tarefa para libertá-lo, envolvendo familiares e advogados. A partir dos contornos subjetivos de seus personagens, Baldwin discute a discriminação racial nos Estados Unidos e coloca em pauta sentimentos de profundo desespero e busca por um futuro outro.



Autor: James Baldwin
Editora: Companhia das Letras
Páginas: 224
Preço: R\$ 49,90

VIVER NOS TEMPOS DA INQUISIÇÃO

Diante das forças que os regimes autoritários agregaram na última década, tanto na América Latina como nos países europeus e nos Estados Unidos, pensar o período do Santo Ofício parece importante como mecanismo de revisões históricas decisivo para o que será encarado a seguir. No livro, um extenso estudo mostra como várias populações sofreram atrocidades e perseguições ao longo de três séculos. A obra de Novinsky nos faz alertas aos ciclos históricos e suas nuances.



Autora: Anita W. Novinsky
Editora: Perspectiva
Páginas: 376
Preço: R\$ 79,90

ENSAIOS INÉDITOS

Com coordenação de Leopoldo M. Bernucci e Francisco Foot Hardman, o projeto reúne um material que estava em formato de manuscrito, disponível em bibliotecas brasileiras e estrangeiras. O volume inaugura a série de inéditos do autor, homenageado deste ano da *Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP)*. No total, são 31 textos que demonstram a gradação ensaística do autor de *Os sertões*.



Autor: Euclides da Cunha
Editora: Unesp
Páginas: 458
Preço: R\$ 60

PALETÓ E EU - MEMÓRIAS DE MEU PAI INDÍGENA

Professora e antropóloga relata sua experiência com a tribo uari', grupo indígena que habita o norte do estado de Rondônia. Durante o tempo que passou com os índios, Vilaça tornou-se muito próxima a Paletó, que morreu aos 85 após viver pelo menos três décadas na floresta, em meio à tribo. Por meio de seu relato, mapeia-se também a situação dos uari'.



Autora: Aparecida Vilaça
Editora: Todavia
Páginas: 196
Preço: R\$ 49,90